

Legado, paisagem e turismo ... pelo Minho na procura de uma dimensão sensorial

Luís Saldanha Martins¹

RESUMO

O desenvolvimento do turismo em territórios que escapam aos principais circuitos turísticos e aos mais evidentes processos de massificação tem contribuído para lançar “olhares” interessados sobre o tema da paisagem. Entre diversas consequências daí decorrentes, emergem um novo folgo no debate teórico e uma maior visibilidade de muitos desses territórios, pelo menos quando suscitam a atenção, ainda que fugaz, do visitante.

Este reconhecido interesse permite à Geografia recuperar algum entusiasmo no debate e, em simultâneo, constatar que nos últimos anos não só diversas outras áreas de conhecimento têm conferido especial destaque à paisagem como as mudanças em curso passaram a reclamar contributos de todos os domínios científicos relevantes para esse estudo.

Na perspectiva da Geografia retomar o tema obriga a ensaiar processos de reavaliação de autores e de textos incontornáveis, entre os quais avultam, neste contexto, Humboldt e o Cosmos quando o investigador sublima o gozo na «contemplação da natureza». Hoje, esse gozo deixou de constituir um exclusivo do investigador, antes surge na sequência de novas formas de relacionamento entre os visitantes e os territórios agora reinterpretados com filtros de informação tecnologicamente mais poderosos, ainda que na procura das mesmas emoções que animam os investigadores há séculos.

Identificar as dimensões que compõe a construção deste conhecimento, a relação com as múltiplas perspectivas sensoriais em leituras que transcendem uma visita apressada, constitui um desafio à Geografia na actual relação entre o turismo e o território.

Palavras-Chave

Turismo, paisagem, gozo

ABSTRACT

Tourism development in territories outside the main touring circuits and more obvious mass processes has helped to introduce "looks" alerts on the subject of landscape. Among more evident consequences emerges a new rejoice impulse in the theoretical debate and a greater visibility of many of those territories, when raise the interest of tourists.

This recognized interest allows Geography to recover some enthusiasm in the landscape debate and, at the same time, verify that in recent years not only various other fields of knowledge have paid good attention to the landscape, as the on-going changes complain contributions from all fields of science.

To Geography to return to landscape issue requires implement a processes

¹ Professor Catedrático do Departamento de Geografia da FLUP - lmartins@letras.up.pt

of revisiting authors and compelling texts among which is put in relief Humboldt and Cosmos when researcher enhance the «enjoyment» in «contemplation of nature». Actually, however, this enjoyment doesn't constitute an exclusive of researcher, is a consequence of new forms of relationship between visitors and the territories, reconstructed with most powerful technological information filters, even looking for the same emotions that animate researchers a few decades ago.

To identify the layers that build this knowledge, the relation with the different sensorial perspectives that in sophisticated forms of apprehension of reality constitutes a challenge to Geography in present relation outline between tourism and territory.

Keywords

Tourism, landscape, enjoyment

A paisagem tradicional do Minho constitui um dos elementos impulsionadores do crescimento recente da actividade turística na região, contribuindo para fortalecer as capacidades de atracção e de sedução exercidas sobre quem a visita. A partir deste quadro de referência, na articulação entre a paisagem e o turismo, pretende-se aprofundar o debate sobre a importância que devam manter – as paisagens – enquanto componentes essenciais da matriz minhota, independentemente das alterações a que possam ter sido sujeitas. O turismo, por seu lado, veio acrescentar novos motivos àqueles que pudessem justificar, em anos recentes, o regresso ao tema paisagem, constituindo um contributo importante para renovar a intensidade e, inclusivamente, para reorientar a discussão em curso.

A oportunidade desta discussão firma-se, assim, na amplitude e na expressão das transformações verificadas nas últimas décadas, bem como num possível potencial de mudança atribuível ao crescimento deste tipo de fenómeno. De introdução relativamente recente em algumas áreas do país as actividades de turismo renovam, indubitavelmente, as formas de relacionamento entre os territórios e as populações, tanto as residentes como as visitantes, justificando o esforço de caracterização de novos processos, de identificação dos principais agentes responsáveis pela transformação dessa paisagem e de discussão sobre algumas das iniciativas que contribuem para fixar as preocupações com a conservação do património existente, tanto o natural como o humano.

Para consubstanciar as facetas destacadas pretende-se, neste texto, «revisitar» alguns dos aspectos relevantes do corpo teórico, recolocando questões já muito repisadas mas que justificam serem retomadas e trazidas para um primeiro plano, sobretudo na medida em que o crescimento do turismo funda novos modos de relacionamento entre os visitantes, com frequência meros contempladores talvez à procura dos saberes ancestrais que cada geração lega à seguinte, e as formas que marcam o território. De modo turbulento, pela facilidade que nestas páginas se salta de escola ou de paradigma, e também de modo excessivamente fragmentário, por se pretender, no mínimo, aflorar as inúmeras ramificações da temática da paisagem, este texto começou a ser construído como repositório ao estado do conhecimento e base de enquadramento a um projecto, que nunca passou disso mesmo, sobre a reconfiguração da paisagem minhota. A temeridade da publicação firma-se, tão só, no convencimento da importância da releitura de textos de referência, facilitada pelo acesso a bibliotecas

virtuais, abrindo campo a esta enorme contradição entre o saltar incessante entre “pilhas” de livros digitais e a pausa inatingível que permite a leitura e a interiorização da obra, no fascínio e até deslumbramento que provocam alguns textos “clássicos” e pelo aliciente que se torna verificar – alimentando diversas frentes de debate – que hoje, um comum turista, pode experimentar sensações que no passado estavam ao alcance apenas de poucos eleitos.

O «gozo»² que um investigador possa ter experimentado perante paisagens de uma natureza pujante, expresso em páginas que readquirem uma renovada frescura sempre e quando constituem fonte de conhecimento, poderá na actualidade ser experimentado por um qualquer desses comuns visitantes, transformado em colecionador de “lugares”, imagens e sensações. Fecha-se, assim, um longo ciclo que reforça na Geografia o significado do estudo, da interpretação e da divulgação do tema da paisagem.

Independentemente do gozo que possa proporcionar ao turista, a paisagem minhota está a mudar, pelo menos de forma mais evidente, desde finais dos anos sessenta. Essa mudança no mosaico de paisagens do Minho, em tantos dos seus recantos, tem provocado uma evidente desapareção da paisagem dita tradicional. O sentido de transformação registado nos últimos anos, a manter-se a tendência, tanto por acção como por omissão, poderá desembocar no seu total aniquilamento mergulhando num esquecimento susceptível de tornar inviável ou até desinteressante qualquer iniciativa tomada no sentido da conservação, num processo de dissolução da memória.

São várias as questões a enunciar que justificam aprofundar este debate, tendo as perspectivas enunciadas como linhas de orientação dominantes. No presente texto, algumas dessas questões merecem, de qualquer forma, apenas breves referências aguardando por melhor oportunidade para alimentar uma discussão mais detalhada e profunda. Entre os elementos que justificam uma atenção posterior, mesmo constituindo referências incontornáveis de enquadramento ao tema aqui explanado, deverão ser questionadas a inevitabilidade do desaparecimento dessa paisagem, a aceitação tácita ou expressa desse desaparecimento ou a fatalidade em cumprir o percurso de perda, abrindo o vazio sebastianista de uma “saúde” anunciada.

Estas questões com inevitáveis consequências operativas, apesar da poética que transportam, não devem, de qualquer forma, escamotear a importância em acrescentar uma quarta dimensão, essa absolutamente incontornável, sobre o enquadramento teórico do tema «paisagem». Esta última dimensão pode, para além de permitir recuperar ideias-chave, necessariamente presentes em tantas obras e oportunidades do passado, incitar um fórum de alarme que suscite o interesse e o envolvimento de todos os agentes que possam declarar a utilidade, eventualmente afirmar as vantagens, em assegurar a geodiversidade minhota para gozo das gerações futuras.

² O termo é utilizado por Humboldt, constituindo um dos sublinhados produzidos por Horacio Capel ao trabalho de um dos «pais putativos da geografia contemporânea». A tradução poderia igualmente passar por “alegria” ou “prazer”.

1. Mudança e perda

As transformações profundas suscitadas pelo crescimento registado na segunda metade do século XX, que conduziram à identificação de símbolos significantes da mudança à escala global, não só contribuíram para introduzir a mudança inevitável como relegaram para segundo plano modificações com menor significado económico, bem como com menor visibilidade e menor extensão territoriais, a exemplo das encontradas no Noroeste de Portugal. A dimensão e o ritmo das transformações, independentemente do carácter irreversível e irreparável que possam adquirir, serão tanto mais significativas quanto mais evidentes forem o clamor da contestação, o grau de envolvimento social ou o estatuto dos interlocutores.

Sem desencadear alaridos, sem justificar o erguer de estandartes, sem atrair significativas visibilidades, o desaparecimento da paisagem minhota representa uma enorme redução da geodiversidade portuguesa – por maioria de razão da geodiversidade europeia –, quando de forma drástica e dramática, se assiste à redução (efectiva e latente) da paisagem tradicional pelo abandono, numa extensão dos «mortórios», pelo avanço da urbanização ou pelas mudanças nos processos de cultivo e nas culturas tradicionais, entre as quais se conta a vinha, aniquilando e apagando da memória uma componente essencial da «personalidade» do Minho.

Esta última vertente está focalizada numa realidade em transformação acelerada desde os anos 60, à medida que se foi assistindo ao desaparecimento dos campos fechados, uma das referências incontornáveis da matriz tradicional da ruralidade minhota. A mudança na agricultura, por exemplo com a diminuição dos agricultores a tempo inteiro, vai diluindo o saber fazer na voracidade da substituição de gerações, enquanto a forma deixa de integrar o legado patrimonial, abrindo lugar a processos de homogeneização que estarão para as áreas rurais como os edifícios “espelhados” – «tipo Dallas» – estiveram para as áreas urbanas.

Uma lenta substituição geracional dos proprietários rurais, eventualmente o aparecimento de alguns novos empresários, a manutenção de actividades de mão-de-obra intensiva, ainda que concentradas em poucos períodos ao longo do ano, a exemplo da vitivinicultura e, em particular, a promoção do turismo, constituem um conjunto de argumentos com capacidade suficiente para influenciar a manutenção ou acelerar a contracção do legado paisagístico tradicional. O arranque do turismo, se num primeiro momento alimentou fundadas expectativas enquanto contributo para a manutenção da paisagem ou se demonstrou a capacidade suficiente para, no mínimo, assegurar a reprodução da forma, também introduziu elementos até aqui estranhos – uma paisagem «cenário» ou a sacralização golfista³ da paisagem – sendo duvidosa a capacidade efectiva para contrariar a fatalidade da “perda inevitável”.

³ O termo “golfização”, a integrar dicionários futuros, poderia traduzir o processo de reprodução homogeneizante da paisagem tão característico de áreas de turismo.



Figura 1. Abandono



Figura 2. Abandono

Estes conteúdos, que no actual contexto encerram uma clara tendência operativa pela ligação, por exemplo, a medidas e instrumentos de apoio comunitário, exprimem de modo insuficiente aquela que constitui a moldura teórica, mas também civilizacional, da relação entre as populações e a paisagem, nomeadamente as paisagens rurais, e sobre os formatos que asseguram as relações e as tensões, que são identificáveis na revalorização do território. Mas trata-se, ainda, numa perspectiva simbólica, de abrir um novo ciclo de relacionamento quando as sensações que alimentaram a relação de conhecimento entre o investigador e a paisagem, são colocadas ao alcance de um comum utilizador, eventualmente munido de uma câmara digital à procura de aprofundar o saber, sobre o natural ou sobre o humano, porque não, à procura do seu “eu”, ante cosmopolita.

Com estas preocupações presentes, a transformação em curso serve de mote a um exercício centrado nas componentes que possam continuar a justificar e a alimentar o debate geográfico, permitindo recordar que alguns trabalhos do passado foram suficientemente exaltantes e profundos para ser possível mergulhar de novo e aprender em textos que o tempo e a sucessão de gerações, também de investigadores, em vez de apagarem afinal conservam e perpetuam.

2. Paisagem, Homem e Natureza

A paisagem é uma criação humana. É-o tanto porque decorre das representações e dos significados atribuídos ao longo dos tempos, como porque constitui um conjunto por vezes diversificado de construções, onde o peso do natural soçobra perante o cultural e o tradicional. Esta paisagem, sendo em essência humanizada incorpora hoje fundadas preocupações com a natureza e encerra uma forte dependência face ao processo de desenvolvimento na medida em que à paisagem, mesmo à mais inóspita, é necessariamente associável a acção humana que, directa ou indirectamente, a influencia. Na actualidade, o natural intocado constitui um «recurso» significativamente escasso, especialmente escasso nas superfícies emersas, e na voracidade da actividade humana, frequentemente pautada por atitudes irresponsáveis e predadoras, esse natural fará particular sentido quando projectado na capacidade de regeneração cíclica da paisagem, entre o espontâneo e o assistido, que parece continuar a ser, dir-se-ia cada vez mais, afinal a componente mais marcante e arrebatadora da natureza.

O tema «paisagem» tem sido também envolvido pela capacidade humana de redesenho dos lugares, permitindo ajustar conceitos à presença do Homem e transformando o essencial da abordagem numa discussão antropocêntrica: que importaria o estudo da paisagem para além do interesse humano? Esta perspectiva contrasta com a dominante ambientalista numa filosofia natural que reduz a espécie humana a uma entre muitas de um vasto sistema natural, encontrando-se o tema balizado, numa abordagem simplista, entre duas perspectivas opostas, a antropocêntrica e a naturocêntrica.

Repare-se que se trata de uma questão com amplas ramificações, com debates diferenciados de acordo com os vários domínios científicos que tocam a temática, da filosofia, à teologia ou à biologia, ou que justificam a atenção de tantos autores

incontornáveis como Rousseau, Schelling⁴ ou Hegel⁵, que contribuíram para a consolidação do conhecimento sobre a «natureza». As focalizações no ser humano ou na natureza permitem relembra a «relação prática» entre o Homem e uma natureza «feita para si» que responde às suas necessidades⁶, numa orientação mais tarde contrariada por Ellen Semple⁷: «a Terra ... alimentou-o, distribuiu-lhe tarefas, orientou os seus pensamentos, confrontou-o com dificuldades que fortaleceram o corpo e aguçaram a inteligência», conferindo substância às fortes relações estabelecidas entre Homem e Natureza. É, indubitável e significativamente, entre grupos humanos, longe do determinismo, que se esgrime a construção e a reconstrução da paisagem, ainda que aniquilando formas e funções anteriormente relevantes que, na actual conjuntura, são assumidamente essenciais à manutenção do legado patrimonial e da memória do território, mesmo quando não é possível ignorar a impotência perante as forças da natureza.

Ainda que neste trabalho a paisagem considerada corresponda essencialmente aquela com forma rural não deve ser escamoteado o facto de, em áreas de matriz urbana, poderem ser identificadas cambiantes às quais não são alheias as condições naturais, independentemente das características das paisagens humanizadas. Veja-se a importância que a inclinação dos raios solares poderá ter na leitura e revelação, pela luz ou pelo jogo de sombras, de recantos insuspeitados da cidade ou quando o ciclo anual da vegetação, a que cobre parques e jardins ou pontua varandas ou espaços públicos, ao transformar a paleta cromática ou o horizonte visual, indubitavelmente, sublinha a prevalência do natural mesmo em áreas urbanas. O jogo de luzes, com especial destaque para a iluminação associada a festividades, talvez possa aqui constituir a principal variante a fenómenos que ocorrem para além da decisão e da acção humanas sendo, neste contexto, a “paisagem de luz” um importante domínio de estudo e de intervenção.

De qualquer forma, desde há mais de dois séculos o debate sobre a paisagem tem mantido uma significativa visibilidade e, na actualidade, um evidente e renovado interesse. Independentemente dos paradigmas dominantes ou das correntes prevaletentes, o saber geográfico tem incluído continuadas referências às questões da paisagem. Ainda que este debate possa ser confundido, facto recorrente, com o possibilismo vidaliano e com as tentativas de reafirmação da escola francesa de geografia tão presente em Portugal, permite e justifica não só o mergulho no «gozo» de Humboldt, como suporta abordagens neopositivistas que conferiram uma dimensão quantitativa e tendencialmente generalizante ao estudo da paisagem.

A evolução da temática talvez permita, ainda, regressar a uma «filosofia da natureza» que a glorifica, na imagem simplificada do pensamento de Rousseau admitir que o natural é bom e a sociedade corrompe, procurando a espécie humana, renovadamente, na paisagem natural ou no que dela resta a «plenitude de uma absoluta

⁴ A obra repetidamente citada é: *Introduction a L'Esquisse d'un Systeme de Philosophie de la Nature*.

⁵ Veja-se a obra de Franck Fischbach - *Du commencement en philosophie: étude sur Hegel et Schelling*, s.l., Vrin, «Bibliothèque d'Histoire de la Philosophie», 1999, 384 p..

⁶ «Philosophie de la Nature de Hegel, Traduite pour la première fois et accompagnée d'une introduction et d'une commentaire perpétuel par A. Véra», Paris, Librairie Philosophique de Ladrage, 1863.

⁷ Ellen Churchill Semple – *Influences of Geographic Environment*, London, Constable & Company Lda. - Henry Holt and Company, 1914, p. 1.

e total autenticidade», uma expressão hoje igual e facilmente associável a uma perspectiva teológica: a natureza próxima do «criador». Mas também na justificação do odioso da máquina estará este regresso, o mesmo que permitiu lançar os motivos florais da «arte nova» ou, em tantos momentos diferentes, lançar a dúvida sobre os benefícios do desenvolvimento, sobre a exploração do que possa encerrar de intolerável. Afinal trata-se, hoje, de eliminar esta aparente contradição entre o natural e o desenvolvimento, ao incluir e integrar a conservação, a protecção e a fruição da paisagem natural entre os elementos que potenciam esse mesmo desenvolvimento.

3. Da pintura da natureza ... às paisagens sensoriais

Os excessos e os atropelos do crescimento civilizacional constituem, em diferentes conjunturas, motivo para promover perspectivas apologéticas do natural, alimentando ciclicamente o regresso à natureza quando os desmandos desse crescimento assumem proporções incontroláveis. Reclama-se aqui talvez numa dimensão intelectual entre a matriz marxista e a teológica, mas não exclusivamente, a recuperação do estafado e vulgarizado chavão que apela ao «reencontro da humanidade consigo própria». Este reencontro com o natural, na medida em que as paisagens naturais possam ir escasseando, vai sendo estendido a paisagens sobre as quais se faz sentir a acção humana responsável por moldar, domesticar e transformar, acrescentando uma dimensão cultural e fazendo da espessura da tradição a referência essencial.

A paisagem apreendida foi também utilizada para promover o desconhecido e o misterioso – sobre a Atlântida ou o Adamastor –, o conhecimento com as viagens de descoberta científica – entre Cook, Bougainville e Humboldt –, a conquista e a afirmação imperialista – com Napoleão no Egipto ou com a presença britânica na Índia – ou a capacidade de comunicação e o consumo, com todas as imagens promocionais turistas pretendem captar, em “cliques” sem fim, de poses infatigáveis, em colecções que o curso do ciclo de vida torna intermináveis.

Entre as muitas facetas de que se reveste esta ligação, as concepções precursoras de Humboldt avultam sobre outras, entre as abordagens de natureza científica. Uma certa perspectiva sensorial enunciada pelo autor tanto no Cosmos como nos Quadros da Natureza, ou seja, o gozo do investigador é veiculado através de um texto científico construído com preocupações literárias. São abarcados múltiplos conhecimentos e, em simultâneo, abertas oportunidades de leitura de diferentes textos de cariz literário, ainda que sem preocupações científicas, com amplo significado e que constituem uma incontornável base de apoio ao debate científico.

Do relato sobre terras misteriosas e distantes à ascese estética que irmana o observador acidental com a paisagem ou entre o gozo do conhecimento e a leitura integradora da paisagem, por exemplo através de filtros multidisciplinares⁸, encontram-se longos e variados percursos difíceis de tipificar ou tão só de abarcar nas suas profundas e variadas dimensões.

⁸ Veja-se a propósito o conjunto de referências sobre a rede de investigação «Topia» - «Réseau International de Recherche sur la Thématique du Jardin & du Paysage» <http://www.topia.fr/>.

Algumas perspectivas de qualquer forma adquiriram especial destaque como o enunciado por Vidal de La Blache ao definir a «personnalité des régions» como «... l'inventaire et l'interprétation des traits physiques et humains dont l'harmonie s'exprime dans le paysage»⁹. Trata-se afinal, como escreveu Max Sorre em 1949, numa nota a propósito da obra «A Paisagem Terrestre» de Renato Biasutti (1947), do «aspecto essencial da geografia, o aspecto descritivo ordenado em torno da noção central de paisagem, cujas relações com a de região são tão estreitas»¹⁰. Já no texto «De l'interprétation géographique des paysages» apresentado ao «Nono Congresso Internacional de Geografia», em 1908, Paul Vidal de la Blache havia caracterizado a observação directa da natureza, ou seja a interpretação das paisagens, como objecto da geografia («pedagógica») mais do que o inventário e a interpretação, uma «arte delicada» entre a análise e a síntese. Aprende-se e ensina-se Geografia através da paisagem:

«Depuis que la géographie pédagogique est sortie du cabinet où elle s'enfermait trop volontiers et qu'elle s'est mise à observer directement la nature, l'interprétation des paysages est devenue un de ses principaux objets. C'est un art délicat, sur lequel il n'est peut-être pas inutile d'attirer brièvement l'attention du Congrès. L'analyse et la synthèse y ont chacune leur rôle. L'analyse s'efforce de distinguer les traits hétérogènes qui entrent dans la composition d'un paysage; et comme les causes passées et présentes s'entremêlent dans les formes du relief, ce genre d'interprétation tient un peu de l'exégèse. Mais d'autre part ce paysage forme un tout dont les éléments s'enchaînent et se coordonnent; son interprétation exige une perception raisonnée de la synthèse vivante qu'il met sous nos yeux»¹¹.

Se numa perspectiva científica a discussão alimentada pela escola possibilista francesa pautou o essencial do conhecimento, já na primeira metade do século XIX o tema paisagem havia passado por fases igualmente significantes, entre uma maior proximidade ora ao conhecimento científico ora ao senso comum e ao «mundano», tendo alimentado debates e suscitado reorientações de perspectivas. Um desses exemplos encontra-se na invenção do daguerreótipo, por Niépce e Daguerre, e posteriormente da fotografia permitindo vaticinar o fim do realismo na arte e, em simultâneo, abrir campo ao impressionismo por finais do século. A procura de representações artísticas pela pintura ou pela fotografia, instigando uma burguesia ascendente a encontrar o belo, pela negação do monstruoso urbano das áreas residenciais e industriais densas e poluídas, feias e repulsivas, terá contribuído para alimentar expectativas de relacionamento com o natural¹², entre muitas outras «revoluções» dos costumes aos transportes.

⁹ Orlando RIBEIRO – *En relisant Vidal de la Blache*, «Annales de Géographie», n° 424, LXXVIIe Année, Nov. Dez. 1968, p. 642.

¹⁰ Lê-se no original: «aspects essentiels de la géographie, l'aspect descriptif ordonné autour de la notion centrale de paysage, dont les rapports avec celle de région sont si étroits». Maximilien SORRE – *La notion de genre de vie et sa valeur actuelle*. «Annales de Géographie», 1948.

¹¹ Paul Vidal de la Blache – *De l'interprétation géographique des paysages*, «Nono Congresso Internacional de Geografia», 1908.

¹² O parque de Yellowstone foi criado em 1872. «Act of March 1, 1872, setting apart a certain tract of land lying near the headwaters of the Yellowstone River as a public park». Laws Relating to the National Park Service the National Parks and Monuments.

As concepções sobre a paisagem, como sublinha Luís Gómez¹³, sofreram alterações sobretudo a partir de trabalhos publicados em língua alemã, com a introdução das dimensões social e económica no estudo da Geografia e com o reconhecimento da capacidade de transformação da paisagem. Nesta fase, acabou por prevalecer o estudo da região mesmo quando, com Hettner, é possível perceber que a paisagem corresponde à componente em que assenta a síntese regional. Noutras escolas o tratamento da paisagem manteve-se com reduzidos acrescentos conceptuais, ao longo do século XX, e apesar de ligeiros cambiantes, apenas recentemente com o aumento do interesse por questões ambientais foi possível encontrar um novo fulgor para o tema, com renovadas orientações susceptíveis de recuperar a notoriedade entre diversos domínios científicos, bem para além da abordagem geográfica.

As perspectivas de tratamento da paisagem apresentam igualmente diversificações de natureza política como as referidas no texto de José Rodriguez e Edson Silva a propósito da «Classificação das paisagens...». Na «*União Soviética [pela adopção] do Marxismo-Lenismo como doutrina oficial que privilegiava a análise dialéctica das totalidades e das interações dos fenómenos*», o estudo da paisagem constituiu a base para a «*construção socialista sustentada no planeamento centralizado, que precisava do conhecimento das unidades naturais integradas, para serem transformadas e dominadas*». Este processo de politização é recorrente e a escola regional em diferentes momentos havia constituído um evidente suporte a concepções nacionalistas pela exaltação da personalidade das regiões construída com base na paisagem.

Surgiram igualmente, em anos mais recentes, tratamentos de base “numérica” – quantitativa – mais ou menos descritivos, que ensaiam também numa linha neopositivista tentativas de generalização. A aplicação de expressões matemáticas – “algoritmos” – ao estudo da rugosidade da paisagem permitiu, por exemplo, o estudo teórico, por B. Seguin¹⁴, do processo de difusão atmosférica e de deposição de poluentes tendo como referência as cortinas de vegetação ou, na esteira de Eric Angel¹⁵, tentar responder à questão: «Pourquoi un voisinage est-il meilleur qu'un autre?». Com a aplicação de algoritmos à modificação da «paysage d'un problème», o investigador explorou múltiplas questões tirando partido da utilização de variáveis significantes e apontando soluções de resposta a necessidades de «novas vizinhanças». Ainda numa perspectiva quantitativa de dominante descritiva, foram ensaiados «indicadores da paisagem», tornando possível «determinar conjuntos de indivíduos estatísticos (freguesias) que apresentem paisagens semelhantes ou pelo menos caracterizadas pelas mesmas variáveis»¹⁶ a exemplo de estudos baseados na análise factorial.

¹³ Num texto a propósito da Geografia do Ócio, Luis Gómez estabelece várias pontes para a relação com a paisagem a exemplo do plano cultural. Alberto Luis GÓMEZ – *La evolución internacional de la Geografía del Ocio*, «Geo Crítica», Univ. de Barcelona, Año XII. Nº 69, Maio de 1987. <http://www.ub.edu/geocrit/geo69.htm>

¹⁴ B. Seguin – *Rugosite du paysage et diffusion atmospherique: Etude theorique a partir des equations de sutton*, «Atmospheric Environment», April 1973, 7 (4), pp. 429-442.

¹⁵ Eric Angel – *La rugosité des paysages: une théorie pour la difficulté des problèmes d'optimisation combinatoire relativement aux méta-heuristiques*, Travaux Universitaires - Thèse nouveau doctorat, 1998, 267 p., Année de soutenance: 1998, No : 98 PA11 2312.

¹⁶ A mesma redacção pode ler-se em Emanuel de Castro e Ana Lopes – *Usos e Funções da Paisagem no Desenvolvimento Social: A Raia Central Portuguesa*, APDR, 2009, p. 4278 e Emanuel de Castro; Lúcio Cunha; Norberto Pinto dos Santos – *Análise integrada da paisagem da raia central portuguesa*, Minerva, nº 5, 2008, p. 141.

Prosseguindo por caminhos mais ousados, são referenciáveis incursões em paisagens virtuais como o «Second Life» criado pela «Linden Lab» (1999), no mergulho rural em «FarmVille» e, genericamente, como extensões das redes sociais em suporte virtual, ampliáveis a projectos de investigação nos quais o objecto de estudo está centrado em ambientes virtuais, a exemplo dos estudos promovidos no âmbito da rede Topia que reuniu escolas de diferentes domínios científicos como a arquitectura, o paisagismo, a agronomia ou o património. O tema das paisagens apresenta ainda inúmeras ramificações no sentido das «paisagens tecnológicas» ou sobre novas modalidades e processos de compreensão do território através de tecnologias de posicionamento global.

A Geografia assiste, entre entusiasmada e impotente, ao desfilar de outras áreas de conhecimento, de outras capacidades de intervenção, pelas «suas» paisagens, pelas suas construções teóricas ou empíricas, pelo convencimento da ciência que encheu de entusiasmo tantas plateias das sociedades de Geografia, pelo menos desde meados do século XIX. Perspectivas mais recentes que tornam significativa a paisagem no ordenamento do território e num mercado técnico, uma dimensão instrumental e operativa da paisagem, sopesam equilíbrios entre o debate que promove a componente mais ecológica ou a da criação / recriação artística e cultural da paisagem como se lê em Roger ou em Luginbuhl.

Regressando ao trabalho de Luís Gomez a propósito da relação entre a escola alemã e a Geografia do Ócio, são feitas referências a tentativas de transformar a Geografia numa «morfologia da paisagem cultural» fruto da «interacção entre certos grupos sociais com a natureza». No texto é defendida a “tese” da existência de uma forte relação entre o lazer¹⁷ e a transformação da paisagem, aludindo a uma proposta de Bobek de «sustitución en la geografía del paisaje del enfoque fisonómico por el morfogenético o genético-funcional», traduzindo a tentativa em dotar com um corpo teórico de âmbito nomotético um tema acusado de ideográfico. Acresce ainda a referência à introdução, por Poser, em 1939 da noção de «paisagem turística» atribuindo grande significado à dimensão sensorial por oposição às «paisagens rurais» ou às «paisagens industriais» nas quais prevaleciam as relações funcionais de natureza económica. Ainda que não estejam claramente explicitadas, as concepções esplanadas, permitem inferir que, depois de uma longa estabilidade, no decurso do século XIX são identificáveis forças de transformação da paisagem de sinal contrário, permitindo no mínimo identificar o horrível, das paisagens industriais, e o belo, das paisagens turísticas.

A dimensão sensorial enunciada poderá constituir uma das plataformas científicas precursoras ao despertar da emoção dirigida, em grande medida, aos sentidos ou à aprendizagem pelos sentidos, colocando em destaque as múltiplas facetas de apreensão da paisagem, numa abordagem que trilha caminhos próximos da «sensorial lanscape» de David Abram e das «paysages olfactives», das «paysages auditifs» ou das «paysages visuels» (Bergues, 1992).

¹⁷ Na literatura de origem espanhola o termo ócio é empregue significando lazer.

4. O “prazer da natureza” e a liberdade

No prefácio de «Lés Tableaux de la nature» da edição francesa traduzida por Hoefer e publicada em 1850, Humboldt hiperboliza a natureza. O «espectáculo grandioso da natureza» estimula o investigador na procura do gozo proporcionado por uma construção de matriz estética que o texto nem sempre permitirá atingir na sua plenitude: a «pintura» da natureza. Apesar das características da língua alemã, que o autor enaltece pelo vigor e pela flexibilidade, e apesar da eloquência e elegância que contemporâneos e tradutores não se cansaram de elogiar em Humboldt, existe um conflito inultrapassável entre o prazer retirado da natureza, as emoções desencadeadas nos observadores, e a “pintura” ou a estética do texto em poesia ou em prosa.

O texto ainda que sublime não poderá exprimir toda a emoção sentida com a natureza – na maior parte da obra confundível com os elementos da paisagem –, e ainda que a eloquência associada ao conhecimento permita o convencimento de investigadores ou eruditos, o gozo – o goce em castelhano, la jouissance em francês ou enjoyment em inglês – será sempre mais intenso do que a capacidade em o comunicar, sendo tanto a prosa como o verso insuficientes para transmitir toda a panóplia de sensações, para além do banal sentido de descoberta que o interesse científico alimenta.

Pode ler-se no prefácio de «Lés Tableaux de la Nature»:

«C'est en hésitant que j'offre au public une série de points de vue, résultant du spectacle grandiose de la nature sur l'Océan, dans les forêts de l'Orénoque, dans les steppes de Vénézuéla, dans la solitude des montagnes du Pérou et du Mexique. Quelques fragments de ce livre furent écrits dans les lieux mêmes qui me les inspiraient, et réunis plus tard en un corps d'ouvrage. Contempler la nature de haut, mettre en relief l'action combinée des forces physiques, procuré à l'homme sensible des jouissances toujours nouvelles par la peinture fidèle des régions tropicales, voilà mon but. Chaque chapitre doit former un tout détaché, et tendre également vers la même fin. Cette manière esthétique de traiter les sciences naturelles présente de grandes difficultés, que la vigueur magnifique et la souplesse de la langue allemande n'ont pu faire disparaître entièrement. Les beautés et les richesses qui environnent l'observateur, font naître en lui une foule d'images partielles qui troublent la sérénité et l'effet général du tableau. S'adressant au sentiment et à l'imagination, le style dégénère facilement en une prose poétique. Ces idées n'ont pas besoin ici de développement: les feuilles qui suivent fourniront des exemples multipliés des écarts et des défauts dont je viens de signaler la source. Malgré ces défauts, qu'il m'est plus facile de relever que de corriger, puissent mes Tableaux de la Nature faire participer le lecteur à la jouissance qu'un esprit sensible et contemplatif éprouve en présence de la création! Comme cette jouissance augmente à mesure qu'on en pénètre les mystères, j'ai ajouté des éclaircissements scientifiques à chacun des chapitres. Partout j'ai fait sentir l'influence éternelle que le physique exerce sur le moral et sur les destins de l'humanité. C'est aux âmes attristées que, de préférence, s'adressent ces feuilles. L'homme qui a échappé aux orages de la vie aimera à me suivre dans le massif des forêts, à travers les déserts sans bornes et sur la chaîne élevée des Andes. C'est à lui que peuvent s'appliquer ces paroles du poète:

«La liberté! Elle est sur les montagnes. Le souffle des tombeaux n'y monte pas pour se mêler à l'air pur. Partout le monde est parfait, excepte là où l'homme apporte avec lui ses tourments.» pp.1-3

... e no prefácio das segunda e terceira edições o autor afirma:

«Le double but de ce livre (augmenter nos jouissances par la contemplation de la nature, et faire saisir plus vivement l'harmonie des forces physiques) a été indiqué, il y a près d'un demi-siècle, dans la préface de la première édition. J'ai signalé aussi les divers obstacles qui s'opposent à l'exposition esthétique des grandes scènes de la nature. Revêtir la science d'une forme littéraire, occuper l'imagination en même temps qu'enrichir le domaine de l'intelligence, c'est la une tâche qui rend difficile la disposition des détails et l'unité de composition.» Alexandre von Humboldt trad. Ferd. Hoefer

Neste fragmento, Humboldt sublinha o prazer da contemplação da natureza e refere as dificuldades, apesar da elegância da língua alemã, na «exposição estética» das grandes cenas apreendidas por investigadores na procura do conhecimento. Este conhecimento é revestido de um invólucro literário, permitindo em simultâneo «ocupar a imaginação» e ao mesmo tempo «enriquecer o domínio da inteligência», estabelecendo-se, como antes foi afirmado, um conflito entre a vontade do investigador em transmitir pela prosa ou pelo verso as emoções produzidas e a aquisição de conhecimento perante as cenas da natureza que constituem a paisagem.

O autor vai todavia mais longe quando evoca a liberdade que o contacto com a natureza proporciona, sobretudo «as montanhas», onde o ar pútrido não chega para contaminar o ar puro. As palavras evocadas do «poeta» sublinham ainda a perfeição que se encontra em toda a parte, em todas as condições naturais, nas florestas, nos desertos ou nas mais elevadas cordilheiras, excepto para onde o homem transporta as suas tormentas!

«La naturaleza es el reino de la libertad, y para pintar vivamente las concepciones y los goces que su contemplación profunda espontáneamente engendra, sería preciso dar al pensamiento una expresión también libre y noble en armonía con la grandeza y majestad de la creación.» Humboldt, *Cosmos*, 1874 trad. castel. Bernardo Giner.

A liberdade evocada serve também de inspiração à epopeia dos povos e ao prazer sentido em «emprestar» as «suas» paisagens à contemplação e à aprendizagem alheia, das paisagens literárias às naturais. Humboldt tomou por empréstimo textos e desenhos para documentar a evolução das ligações entre autores, povos e natureza, encontrando entre muitos e importantes criadores da literatura ou da pintura internacionais um lugar destacado e elogioso para a obra de Camões e em particular para as suas «imagens» marítimas que ilustram o *Cosmos*¹⁸. Por sua vez, o destaque conferido por Humboldt a Camões, aos *Lusíadas* e à «grande epopeia dos Portugueses»¹⁹, encanta Silvestre

¹⁸ Veja-se Alejandro de HUMBOLDT – *COSMOS. Ensayo de una descripción Física del Mundo*, Vertido al Castellano por Bernardo Giner y José de Fuentes. Tomo II, Madrid, 1874.

¹⁹ Na tradução para inglês por F. C. OTTÉ pode ler-se: «is most richly displayed in the great national epic of Portuguese literature» enquanto na versão castelhana de Bernardo Giner e José de Fuentes lê-se: «brilla en su mas alto grado en la gran epopeja nacional de los Portugueses».

Ribeiro²⁰, um dos defensores liberais da Serra do Pilar durante o Cerco do Porto, particularmente entusiasmado com aquilo que «o maior pensador do seu tempo» escreveu no *Cosmos*:

«... puedo afirmar al menos, como observador de la Naturaleza, que en las partes descriptivas de las *Lusiadas* jamás han alterado en nada la verdad de los fenómenos, ni el entusiasmo del poeta, ni el encanto de sus versos, ni los dulces acentos de su melancolía. Al hacer el arte mas vivas las impresiones, ha añadido mas bien grandeza i fidelidad á las imágenes, como sucede siempre que bebe en una fuente pura. Camoens es inimitable cuando pinta el cambio perpetuo que se verifica entre el aire y el mar, las armonías que reinan en la forma de las nubes, sus trasformaciones sucesivas y los diversos estados por que pasa la superficie del Océano».

À estética irrepreensível dos *Lusiadas* acrescentava comentários sobre a roupagem do texto de outros autores, procurando a beleza nas palavras entusiasmantes que expressavam o sentir dos povos desde a antiguidade clássica aos países ocidentais. Entre os Gregos, diz Humboldt, a emoção na descrição da paisagem, ainda que «levada ao mais alto grau de fidelidade e exactidão na sua pintura» não será superior à descrição de um traje, uma arma ou um escudo. Já citando Teócrito, evoca a «poesia bucólica» que representa mais «o homem da Natureza do que a paisagem», prosseguindo através do período romano e árabe, e continuando a descrição pelo período dos descobrimentos e pelos novos conhecimentos na astronomia e na matemática, de Galileu e Kepler a Newton e Leibnitz.

«Desde la segunda mitad del siglo XVIII, la prosa descriptiva, especialmente, ha adquirido una fuerza y exactitud enteramente nuevas. Aunque el estudio de la Naturaleza aumentado por todas partes haya puesto en circulación una masa enorme de conocimientos, la inteligente contemplación de los fenómenos no ha sido sofocada bajo el peso material de la ciencia, en el corto número de hombres susceptibles de entusiasmo; sino que mas bien ha aumentado asimismo esa intuición espiritual, obra de la espontaneidad poética, á medida que el objeto de la observación ganaba en elevación y se estendia; es decir, desde que la mirada ha penetrado más profundamente en la estructura de las montañas, tumbas históricas de las organizaciones que pasaron, y abarcado la distribución geográfica de los animales y de las plantas, y el parentesco de las razas humanas. Los primeros que han dado un poderoso impulso al sentimiento de la Naturaleza por el atractivo que ofrecían á la imaginación, y que han puesto al hombre en contacto con la misma Naturaleza, inclinándole, como consecuencia inevitable á remotos viajes, son: en Francia, J. J. Rousseau, Buffon, Bernardino de Saint-Pierre, mi antiguo amigo de Chateaubriand, escritor que aun vive y que cito aquí por escepcion; en las islas Británicas, el ingenioso Playfair; y, por último, en Alemania, Forster, compañero de Cook en su segundo viaje de circunnavegación, escritor elocuente y dotado de cuantas facultades hacen apto á un hombre para popularizar la ciencia.»

²⁰ José Silvestre RIBEIRO – *Os Lusíadas e o Cosmos ou Camões considerado por Humboldt como admirável pintor da natureza*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1858.

Em síntese, Humboldt reúne informação para atingir a «unidade do Cosmos» que adquirirá tanto «mayor fuerza cuanto se multipliquen mas los medios de reproducir con espresivas imágenes los fenómenos de la Naturaleza»²¹ (Humboldt, 1875, p. 613). Entre o texto descritivo, como designa, a «pintura da paisagem considerada como meio de propagar o estudo da natureza» ou a história da contemplação física do mundo, é «sob a forma de um vasto quadro da Natureza, quanto nos deu a conhecer a ciência, fundada em rigorosas observações e livre de falsas aparências, acerca dos fenómenos e das leis do Universo. Mas semelhante espectáculo da Natureza ficaria incompleto, se não considerássemos como se reflecte o pensamento e a imaginação, predisposta às impressões poéticas» (Humboldt, 1874, Tomo 2, p. 3).

O investigador junta assim às emoções vividas toda a trama poética dos autores que cita, acrescentando a este percurso de conhecimento o sentir colectivo precipitado ao longo de gerações e ao qual hoje talvez se justificasse adicionar múltiplas apreciações e interpretações individuais das paisagens, quando o visitante incansável regista e fixa emoções, à medida que desperta para esferas antes circunscritas ao domínio científico ou assumindo padrões de comportamento que integram uma certa ordem colectiva. Sendo certo que as obras referenciadas revelam o sentir do povo, também contribuem para condicionar o sentir desse colectivo, perpetuando a memória pela força das palavras. Em muitas dessas obras são afirmados sem equívocos os valores naturais, expressos por exemplo nas paisagens rurais, e enaltecidas a tradição, a sublimação do simples ou a apologia do tradicional fiável, rejeitando os despropósitos de um moderno que, por vezes, o desenvolvimento arrasta.

5. A construção sensorial da paisagem

Quase duzentos anos volvidos sobre a publicação dos «Tableaux de la Nature» ou do «Cosmos», o “gozo” proporcionado pela procura do conhecimento da natureza, através da observação da paisagem, pode contribuir para alimentar e aprofundar a discussão em curso, abrindo frentes menos exploradas. Numa fase na qual a difusão do conhecimento associável à fruição da paisagem atinge uma inevitável vulgarização, assiste-se ao incorporar na ordem estética o sentido de “belo” que acompanha o desconhecido e o «maravilhoso» e alimenta a imaginação das populações cosmopolitas. Hoje estar-se-á menos pendente de novas “descobertas” como aquelas que foram divulgados nas sociedades de Geografia pelo século XIX e mais condicionado pela incorporação de novos filtros de conhecimento.

A utilização do conceito de “gozo”, percebido como o prazer do conhecimento consubstanciado numa relação estreita entre o investigador e a realidade concreta, remete para a possível definição e fixação de paisagens sensoriais. O gozo, desencadeado no contacto com a paisagem, transcende tanto o observável como as perspectivas mais racionalistas do conhecimento e atinge a dimensão emocional avivada por novas experiências que conferem espessura ao elemento sensorial. Através da criação de imagens que as diferentes gerações tentam encontrar numa realidade em rápida evolução, entre o imaginado e o vivido, procura-se quer em percursos literários

²¹ Veja-se o «Cuadro Analítico de las Materias», página 603 e seguintes, da obra «Cosmos. Ensayo de una descripción física del mundo por Alejandro de Humboldt. Vertido al castellano por Bernardo Giner y José de Fuentes. Tomo IV. Madrid, Imprenta de Gaspar Y Roig, Editores. Calle del Príncipe, Num. 4. 1875.

apaixonantes quer num conhecimento científico vulgarizado, os estímulos proporcionados pela proximidade a novas sensações. Com uma evidência irrecusável, pela releitura de clássicos da literatura nacional ou internacional ou pela capacidade da produção científica, com o assumir de facetas literárias na divulgação do conhecimento é ampliada a capacidade de comunicação a públicos mais vastos, acrescentando ao discurso de «interpretação», por vezes simplificado e simplista, informação e conhecimento relevante para a explicação dos fenómenos e para uma fruição mais intensa das áreas visitadas.

Um turista, hoje, como o investigador no passado, transportando uma carga de informação vasta, possuindo explicações que transcendem amplamente as necessidades elementares de leitura da paisagem, pode experimentar o mesmo gozo, sentir o mesmo arrebatamento e o mesmo êxtase, aquele que estava vedado apenas a alguns eleitos. São múltiplas e diversificadas as formas de comunicar o gozo do investigador que o turista sintetizará num conjunto de fotografias armazenadas e tantas vezes votadas ao esquecimento ou em informações que coleccionará de forma criteriosa ou avulsa. A moldura para esta evolução pode ser encontrada – revisitada – na “simplicidade” da abordagem “humboldtiana” considerando nomeadamente o papel do «texto», ou do «desenho», como alicerce do conhecimento científico e veículo de difusão do saber adquirido sobre a paisagem, objecto de estudo da Geografia.



Figura 3. Transformação



Figura 4. Transformação

Entre as perspectivas sensoriais, de forma casuística, podem merecer referência a paisagem gustativa através da gastronomia, da erudita à tradicional, pelas páginas da literatura em descrições apoloéticas do modelo que hoje, de forma reactiva, poderá corresponder à «slow food» triunfante sobre a cozinha «internacional». Simbolicamente, esta paisagem gustativa não fica cristalizada em alguns lugares de eleição, antes se amplifica e vai envolver todas as práticas tradicionais que promovem o património imaterial, recriando elementos de «paisagem» que de outra forma poderiam estar irremediavelmente perdidos. Destaca-se, igualmente, no mesmo registo, a nebulosa de conversas sobre culinária – popular ou “de autor” –, sobre a cozinha laboratório – de fusão ou “gourmet” – ou sobre uma cozinha formal – pela saúde ou pela cultura que farão sentido enquanto elementos da paisagem, com toda a carga e diversidade de sabores e de informações «no lugar» ainda que dirigidas à experiência e ao «gozo» individual.

Na mesma linha de orientação serão também de considerar perspectivas olfactivas, sonoras ou tácteis, apontando para formas de conhecimento que extravasam amplamente a dimensão “visual” da paisagem – a observação pelo «olho do investigador» –, impondo uma dimensão sensorial, hoje, firmemente vinculada aos modelos de desenvolvimento e à melhoria da qualidade de vida das populações. A dimensão sensorial, neste contexto, interliga-se ainda profundamente com a emoção ou seja com o modo como algumas facetas da capacidade de decisão ou do pensamento racional estarão interrelacionadas, como tem sido colocado em evidência por investigações em curso nas neurociências.

As perspectivas e o tratamento temático explicitado por Humboldt deixa implícitos aspectos menos concretos, apenas susceptíveis de serem inferidos, ficando por desenvolver algumas questões que o passar do tempo não deverá, de todo, ter apagado. As relações agora estabelecidas com a paisagem antes parecem ter promovido a componente emocional do conhecimento aproximando-o de uma ascese que depois de elevar o investigador a um limbo de perfeição e de satisfação – «gozo» –, é agora

apropriado pelo visitante que se sentirá mais próximo da natureza na medida em que a compreende e explica em muitas das mais complexas componentes.

Trata-se, desta forma, de tentar acrescentar renovadas perspectivas de leitura àquelas inicialmente enunciadas na linha do conceito de paisagem sensorial, podendo estar ultrapassadas outras que já fizeram o seu percurso a exemplo da paisagem funcional, da paisagem cultural ou da paisagem cenário. Este processo de aceder à aprendizagem e ao conhecimento não tem exclusivamente relação com a Geografia, ainda que o seu contributo se torne relevante na medida em que transcende o estrito domínio científico, caminhando no sentido de um processo de vulgarização e de integração que incorpora os saberes de um vasto grupo de intervenientes, igualmente incontornáveis na conservação da paisagem. Como outros agentes os visitantes ascendem a um novo conjunto de informações susceptíveis de, na aproximação à realidade e aos processos que possam estar na génese da sua constituição, se tornarem referência na comunicação intergeracional, valorizando componentes localmente sub avaliadas.

Em fases anteriores, a transformação da paisagem assentou essencialmente em componentes funcionais prevalecendo a acção de agricultores, em grande medida com o estatuto de rendeiro, e proprietários rurais. Os anos recentes foram também marcados pela associação de outros agentes com forte capacidade de influenciar a dinâmica da paisagem a exemplo de decisores políticos, investidores, construtores, técnicos, neo-residentes, empresários de turismo, prestadores de serviços, contratadores ou intermediários e turistas, numa lista que não se esgotando nas actividades especificadas vai imprimindo novas dinâmicas às paisagens. O aumento do número de agentes envolvidos, a diversidade de comportamentos e de interesses, os diferentes códigos de leitura ou os diferentes quadros de valorização, produzem uma tal variabilidade na capacidade de transformação que é imprimida, que se justifica continuar a alimentar e a aprofundar o debate da temática, sob pena da paisagem que bem caracteriza o Minho poder encontrar-se em risco. Ora, para além da colecção de ideias sobre a paisagem ou do debate académico, mesmo quando evoca períodos e escolas essenciais ao progresso do conhecimento, importa descolar do inconsequente, acrescentando novas acções auto-responsabilizantes a exemplo do sucedido com o Douro ou a Ilha do Pico.

A evolução a que se tem assistido, no entanto, contribuiu para fixar as componentes que são, de facto, relevantes podendo a aprendizagem transformar-se num processo de partilha que seja mais do que a adição entre componentes funcionais e culturais, numa «negociação» entre velhos e novos agentes de manutenção e de requalificação da paisagem. Estar-se-á longe das paisagens que enquadram a mera visitação, devendo caminhar-se no sentido da reconstrução, da renovação e da revalorização de uma herança que deve ser reclamada em nome das próximas gerações sem abdicar do que possa ser considerado essencial.

6. Continuar o debate sobre o gozo do investigador e a paisagem sensorial

Longe de constituir um texto susceptível de fixar conclusões ou capaz de produzir uma síntese clara e precisa, as páginas anteriores permitem produzir a releitura de uma temática cuja dinâmica recente e percurso acumulado afinal revelam uma inusitada

vitalidade. O regresso a «velhos» textos que enunciaram tantas formulações e inspiraram sucessivas gerações de investigadores continua a encontrar na actualidade um significativo destaque até porque a leitura realizada deverá ser forçosamente diferente de outras que ocorreram no passado. Perante mais informação, novas preocupações ou novos objectivos científicos, esses velhos textos voltarão a suscitar o debate com os matizes iniciais avivados por outros interesses que não os encontrados com anterioridade. Torna-se, agora, especialmente interessante mergulhar na versão digital de obras originais, entrando pelo Projecto Gutenberg, pelos livros Google²² ou pelas mais diversas bibliotecas hoje disponíveis ao «alcance de um clique», removendo o peso dos filtros individuais e promovendo a leitura na primeira pessoa. Reduzem-se desta forma as interpretações e citações encadeadas voltando alguns autores fundamentais na consolidação do conhecimento científico a poder «comunicar» directamente com as novas gerações de investigadores.

As questões de âmbito teórico explanadas, associáveis a diferentes perspectivas paradigmáticas, que mantiveram aceso o interesse pelo tema da natureza e da paisagem, revelam mais uma vez a dificuldade em dar por esgotado um tema entre as ciências sociais e humanas mesmo quando, aparentemente, todos os debates foram concluídos ou em encontrar assuntos e orientações absolutamente inovadoras, que tenham estado ausentes das preocupações dos investigadores.

A paisagem continua a mudar, como foi acima afirmado, repetindo o que pode ser lido em inúmeras publicações. Essa mudança permite à Geografia retomar com intensidade o interesse pelo tema e reavivar o mesmíssimo «gozo» que Humboldt experimentou e exprimiu, assumindo com exuberância a procura do conhecimento da natureza. Essas primeiras incursões foram muito mais fundo do que decorreria de uma «simples» observação, como se poderá inferir das referências às componentes emocionais. Conhecer as paisagens através de textos «épicos» que manifestam o sentir dos povos, permitindo que a sensibilidade dos autores citados constituísse o elemento fundamental de leitura da paisagem e de comunicação com as gerações seguintes, ou estudá-las através do desenho, mostra a importância da paisagem como quadro de referência à afirmação de identidade e ao conhecimento colectivo.

Vulgarizado, hoje, esse conhecimento é património comum quando o preservamos ou quando o delapidamos e, sobretudo, quando é utilizado para conservar paisagens em risco de desaparecimento. Numa parte significativa dos fenómenos actuais as explicações associados estão suficientemente difundidas para que o comum dos cidadãos possa obter respostas satisfatórias às questões que queira colocar e possa encontrar no conhecimento e nas sensações relacionadas motivos para preservar a paisagem tradicional. Por isso, quando é procurado o «gozo» do conhecimento nas áreas de maior tensão entre a acção humana e a natureza, a exemplo das áreas rurais, pretende-se reforçar o papel de um quadro científico marcante, estendendo-o a mecanismos de interpretação da paisagem, forçando ao encerramento de um longo ciclo iniciado com o arranque do século XIX e concluído com a difusão do turismo e dos turistas pelas paisagens mundiais.

²² Veja-se entre as «fontes» mais requisitadas: www.gutenberg.org; books.google.com; onlinebooks.library.upenn.edu.

No Minho, as alterações têm decorrido sem merecerem especial preocupação aos agentes envolvidos na mudança da paisagem, mesmo sabendo-se que a atracção de visitantes passa por uma certa qualidade estética da paisagem rural, extensiva a um rústico confortável que tem marcado o padrão de qualidade da oferta turística. A forte ligação estabelecida exige que o rural esteja significativamente presente mantendo evidentes elementos do quadro natural e que a actividade turística contribua para abrandar o ritmo de transformação, erradicando dentro do possível algumas das preocupações com a perda das paisagens mais características e contribuindo para repor elementos entretanto desaparecidos.

A essência da actividade turística e a forma como os turistas se relacionam com o território permitem, no entanto, acrescentar novas dimensões à paisagem, estendendo amplamente o gozo a aspectos menos desenvolvidos entre abordagens convencionais. A paisagem transcende a observação quando a sonoridade do campo ou o silêncio da montanha, encontram o visitante abstraído numa contemplação de raiz milenar, quando os sabores tradicionais das maçãs autóctones, das cerejas, das uvas, das amoras silvestres ou de toda a gastronomia ou enologia, promovem as dimensões olfactivas e gustativas, ou quando uma suavidade aveludada ou um contacto urticante permitem acrescentar conhecimento através das paisagens sonoras, gustativas, olfactivas ou tácteis. Estas paisagens e os conhecimentos que encerram carecem de adequação e interpretação, de esforço dos agentes locais, de investimento, de formação e, como não, de visão de futuro.

Referências Bibliográficas:

ABRAM, D. (1996). *The spell of the sensuous: perception and language in a more-than-human world*, New York, Pantheon Books, 326 p.

ALMEIDA, A. (2006). *Paisagens: um património e um recurso*, in JACINTO, R.; BENTO, V., ed. lit. – *O interior raiano do Centro de Portugal. Outras fronteiras, novos intercâmbios*, Porto, Campo das Letras, Guarda, CEI, pp. 31- 42.

ALVES, T. (2001) *Paisagem - em Busca do Lugar Perdido*, «Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia», Vol. XXXVI, N.º. 72, Lisboa, C.E.G., 2001, pp. 67-74.

BLACHE, P. (1911). *De l'interprétation géographique des paysages*, in «Neuvième Congrès International de Géographie (1908). Compte rendu des travaux du Congrès», Genève. Société générale d'imprimerie (18), pp. 59-64.
[http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques des_sciences_sociales/index.htm](http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.htm)

BERGUES, M. (2007). *Pays et paysages au marais Vernier (Eure)*, Terrain [En ligne], 18, 1992. Mis en ligne le 05 juillet. <http://terrain.revues.org/index3041.html>

BERTRAND, G. (1995). *Le paysage entre la Nature et la Société*, in ROGER, A. (direcção), 1995, «La Théorie du Paysage en France», Editions Champ Vallon, Seyssel.

CASTRO, E.; LOPES, A. (2009). *Usos e Funções da Paisagem no Desenvolvimento Social: A Raia Central Portuguesa*, APDR.

CASTRO, E. ; CUNHA, L.; SANTOS, N. (2008). *Análise integrada da paisagem da Raia Central Portuguesa*, Minerva, n.º 5, 2008.

CAPEL, H. (1981). *Filosofia y ciencia en la Geografía contemporánea*, 3ª ed., Barcelona, Barcanova, 1988, 509 p.

CAVACO, C. (2005). *As paisagens rurais: do “determinismo natural” ao “determinismo político”*. Finisterra XI, 79, pp. 73-101.

CORREIA, T. ; et. al.(2001). *Identificação de Unidades de Paisagem: metodologia aplicada a Portugal Continental*, «Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia», Vol. XXXVI, N.º. 72, Lisboa, C.E.G., pp. 195-206.

DEVY-VARETA, N. (1994)– *Uma perspectiva da geografia: do social ao natural, passando pelo ambiente vegetal, A geografia portuguesa, debater as mudanças, preparar o futuro*, p. 149-156.

DOMINGUES, Á. (2001). *A paisagem revisitada*, «Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia», Vol. XXXVI, N.º. 72, Lisboa, C.E.G., pp. 55-66.

DOMINGUES, Á. (2003). *Paisagens rurais em Portugal: algumas razões da polémica*, «Revista Faculdade de Letras – Geografia», Universidade do Porto, Porto.

FERREIRA, A. ; et. al. (2001). *Metodologias de análise e de classificação das paisagens. O exemplo do projecto Estrela*, «Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia», Vol. XXXVI, N.º. 72, Lisboa, C.E.G., pp. 157-178.

FROLOVA, M. (2001). *Los Orígenes de la Ciencia del Paisaje en la Geografía Rusa*, «Scripta Nova», REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES, Universidad de Barcelona, Vol V, nº 102, 1 de diciembre de 2001, <http://www.ub.edu/geocrit/sn-102.htm>.

GARRETT, A. – *Camões*, Biblioteca Digital, Col. Clássicos da Literatura Portuguesa, Porto Editora.

GASPAR, J. (2001). *O retorno da paisagem à geografia. Apontamentos místicos*, «Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia», Vol. XXXVI, N.º. 72, Lisboa, C.E.G., 2001, pp. 83-99.

GÓMEZ, A. (1987) *La evolución internacional de la Geografía del Ocio*, «Geo Crítica», Universidade de Barcelona, Ano XII. N.º 69, Maio de 1987. <http://www.ub.edu/geocrit/geo69.htm>

HEGEL, G. (1863). *Philosophie de la Nature*, Paris, Librairie Philosophique de Ladrage, («Traduite pour la première fois et accompagnée d’une introduction et d’un commentaire perpétuel par A. Véra »).

HUFTY, A. (2001). *L’art du paysage et le géographe*, «Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia», Vol. XXXVI, N.º. 72, Lisboa, C.E.G., pp. 127-139.

HUMBOLDT, A. (1874). *Cosmos, Ensayo de una descripción física del Mundo*, Madrid, Imprenta de Gaspar Y Roig, Editores, trad. Bernardo Giner e José de Fuentes.

HUMBOLDT, A. (1874) *Cosmos, Ensayo de una descripción física del Mundo*, Madrid, Imprenta de Gaspar Y Roig, Editores, Tomo II,, trad. Bernardo Giner e José de Fuentes.

HUMBOLDT, A. (1875) *Cosmos, Ensayo de una descripción física del Mundo*, Madrid, Imprenta de Gaspar Y Roig, Editores, Tomo IV, trad. Bernardo Giner e José de Fuentes.

HUMBOLDT, A. (1858) *Cosmos, A Sketch or a Physical Description of the Universe*, Vol. I e II, Translated from the German by E. C. Otté, ed. Harper & Brothers. <http://www.gutenberg.org/ebooks/14565>.

HUMBOLDT, A. (1850) *Tableaux de la Nature*, traduits par Ferd. Hoefer, Tome premier, Paris, Librairie de Firmin Didot Frères.

LEPECKI, M. (2001). *Mãe promíscua: sobre natureza e paisagem*, «Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia», Vol. XXXVI, N.º. 72, Lisboa, C.E.G., pp. 141-147.

LUGINBÜHL, Y. (2007). *Pour un paysage du paysage*, «Économie rurale» [En ligne], 297-298, janvier-avril 2007, mis en ligne le 01 mars 2009. <http://economierurale.revues.org/index1931.html>

MACINTOSH, C. (2007). *Space & Place - Virtual Heritage and Virtual Cultures - Applied Cultural Theory - Cyber-anthropology*, “Girl Travels the Songlines”, In Proc 13th Intl Conference on Virtual Systems and Multimedia, VSMM 2007, Brisbane, Australia, Sept, pp. 192-208. ISBN: 978-0-9775978-3-3 <http://australia.vsmm.org/>

MARQUES, V. (2001). *Pensar a paisagem. Da aventura interior ao campo da história*, «Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia», Vol. XXXVI, N.º. 72, Lisboa, C.E.G., pp. 149-156.

PORTEOUS, J. (2006) *Smellscape*, in Jim Drobnick (ed.) – *The smell culture reader*. <http://books.google.pt/books>

RIBEIRO, J. (1858) *Os Lusíadas e o Cosmos ou Camões considerado por Humboldt como admirável pintor da natureza*, Lisboa, Imprensa Nacional. <http://www.google.com/books?id=xqcfAAAAAAAJ;B-FLUPPV/587>.

RIBEIRO, O. (1968). *En relisant Vidal de la Blache*, «Annales de Géographie». t. 77, n.º 424. pp. 641-662. 10.3406/geo.1968.15754 http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/geo_0003-4010_1968_num_77_424_15754

RIBEIRO, O. (2001). *Paisagens, regiões e organização do espaço*, (com nota introdutória de Carlos Alberto Medeiros), «Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia», Vol. XXXVI, N.º. 72, Lisboa, C.E.G., pp. 27-35.

RODRIGUEZ, J.; SILVA, E. (2002). *A classificação das Paisagens a partir de uma visão geossistémica*, Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 01, número 01.

ROGER, A. (1997) *Court traité du paysage*, Ed. Gallimard, Paris.

SAITO, Y. *Appreciating Nature on its own Terms*, in Allen Carlson, Arnold Berleantpp (editores), *The aesthetics of natural environments*, National Library of Canada Cataloguing in Publication, pp. 141-155. <http://books.google.pt/books?id=DXYnL8E1mf4C>

SALGUEIRO, T. (2001). *Paisagem e geografia*, «Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia», Vol. XXXVI, N.º. 72, Lisboa, C.E.G., pp. 37-53.

SEMPLE, E. (1914) *Influences of Geographic Environment on the basis of Ratzel's system of Anthro-Geography*, London, Constable & Company Ltd. - Henry Holt and Company.

SORRE, M. (1948) *La notion de genre de vie et sa valeur actuelle*, in: Annales de Géographie. t. 57, n.º307. pp. 193-204.

http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/geo_0003-4010_1948_num_57_307_12298

TRIGO, H. (2008) *Porquê (e razões para) a mitificação do campo*, in VII CIER – Cultura, Inovação e Território, Coimbra, Out.,
http://www.sper.pt/actas7cier/PFD/Tema%20I/1_4.pdf.

TUAN, Yi-Fu (1990) *Topophilia: a study of environmental, perception, attitudes and values*, New York, University Press, 1990, 260 p.

URLBERGER, A. (2005-2007). *Le paysage technologique – Théories et pratiques autour du Global Positioning System*, 2005-2007, http://www.ciren.org/ciren/laboratoires/Paysage_Technologique/index.html